

O SISTEMA DE TRATAMENTO EM SANTA CATARINA: UMA ANÁLISE DE CARTAS PESSOAIS DOS SÉCULOS XIX E XX

THE SYSTEM OF ADDRESS IN SANTA CATARINA STATE: AN ANALYSIS OF PERSONAL LETTERS FROM 19TH AND 20TH CENTURIES

Christiane Maria Nunes de Souza
Universidade Federal de Santa Catarina

Izete Lehmkuhl Coelho
Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO

Neste trabalho, utilizando o aparato teórico-metodológico da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968, LABOV, 1972, 1982), investigamos o sistema de tratamento em cartas pessoais catarinenses dos séculos XIX e XX provenientes do *corpus mínimo* do projeto *Para a História do Português Brasileiro* (PHPB). Em nossa análise, procuramos correlacionar as formas variantes de P2 na posição de sujeito, *tu* e *você*, às de complemento verbal (acusativo, dativo e oblíquo). Os resultados obtidos indicam que, nos dados do século XIX, **há** um uso categórico das formas do paradigma de *tu* (sujeito e complementos), enquanto no século XX são encontrados: remetentes de uso exclusivo de formas do paradigma de *tu*; remetentes de uso exclusivo de formas do paradigma de *você*; e remetentes que alternam formas dos dois paradigmas, com predomínio das formas correlacionadas ao pronome *tu*, sobretudo com alta produtividade do clítico *te*.

Palavras-chave: Sistema de tratamento catarinense; Cartas pessoais; Diacronia.

ABSTRACT

In this paper we analyze the system of address used in some personal letters written in the 19th and 20th centuries in Santa Catarina State, Brazil. These data belong to the minimal *corpus* of the project *Para a História do Português Brasileiro* (PHPB). Based on the Theory of Variation and Change (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968, LABOV, 1972, 1994), we aim

to correlate the forms that occupy the subject position, *tu* and *você*, to forms of verbal complement. General results indicate that in the sample from the 19th century only forms (subject and complements) of the paradigm of *tu* are found, while in the data from the 20th century there are three patterns: addressers using only forms of the paradigm of *tu*; addressers using only forms of the paradigm of *você*; and addressers using forms of both paradigms, but in these cases forms correlated to *tu* are more frequent, mainly the clitic pronoun *te*.

Keywords: System of address in Santa Catarina State; Personal letters; Diachrony.

INTRODUÇÃO¹

Pesquisas realizadas com recortes sincrônicos recentes têm indicado que os pronomes *tu* e *você* comportam-se como variantes em diversas regiões do Brasil (PAREDES SILVA, 1998, MENON e LOREGIAN-PENKAL, 2002, PAREDES SILVA, 2003, LOREGIAN-PENKAL, 2004, LUCCA, 2005, MODESTO, 2006, LOPES et al, 2009, SCHERRE et al, 2009, ALVES, 2010, MARTINS, 2010, ROCHA, 2012, entre outros). Com relação aos contextos socioestilísticos de uso dos pronomes na metade final do século XX e início do século XXI, estudos apontam para o fato de haver uma preferência pelo pronome *tu* em situações informais e familiares e nas relações designadas como *simétricas* e *assimétricas descendentes*, ao passo que *você* seria associado a contextos mais formais, a interações com interlocutores desconhecidos ou não íntimos e a relações ditas *assimétricas ascendentes*, embora seja também encontrado frequentemente em relações *simétricas*. Na comparação com pesquisas realizadas em diferentes localidades brasileiras, os estudos preocupados especificamente com o português de Santa Catarina têm indicado basicamente as mesmas tendências de uso condicionado socioestilisticamente, ainda que se perceba que a persistência do pronome *tu* em relação à entrada de *você* no sistema de tratamento nesse estado é ainda grande, especialmente nos dados de fala (RAMOS, 1989, LOREGIAN, 1996, LOREGIAN-PENKAL, 2004, COELHO e GÖRSKI, 2011; NUNES de SOUZA, 2011; ROCHA, 2012). Ressalte-se que, apesar

¹ Foi apresentada uma versão preliminar deste trabalho na mesa-redonda organizada pela professora Célia Regina dos Santos Lopes (UFRJ) na XXIV Jornada Nacional de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE), de 04 a 07 de setembro de 2012, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Agradecemos a todas as contribuições recebidas na ocasião, fundamentais para a elaboração deste artigo.

das preferências de uso, os dois pronomes são encontrados em todos os contextos citados e podem ser considerados, portanto, intercambiáveis.

No que diz respeito à relação interna entre os pronomes de P2² e seus contextos morfossintáticos de ocorrência, estudos brasileiros realizados sobretudo com dados diacrônicos³ têm apresentado resultados convergentes. Dentre os contextos favorecedores da entrada de *você* no sistema, aponta-se para: (i) formas verbais imperativas; (ii) sujeitos expressos; e (iii) pronomes em posição de complemento acompanhados por preposição. Já dentre os ambientes morfossintáticos entendidos como contextos de resistência do pronome *tu*, elencam-se: (i) formas verbais não imperativas (comumente realizadas com sujeito nulo); (ii) pronomes em posição de complemento não acompanhados por preposição (dada à alta produtividade do clítico *te*); e (iii) pronomes possessivos.

Essas tendências foram corroboradas total ou parcialmente em diferentes pesquisas, entre elas a de Rumeu (2008), realizada com 170 cartas cariocas escritas entre 1877 e 1948, divididas em três períodos; a de Machado (2011), que analisa 14 peças teatrais brasileiras escritas entre 1846 e 2033 em comparação com peças portuguesas de época semelhante; a de Lopes *et al* (2011), que levou em consideração dados obtidos de 13 bilhetes amorosos cariocas escritos em 1908; a de Lopes e Marcotulio (2011), cujo *corpus* foi constituído por 18 cartas de figuras ilustres a Rui Barbosa entre os anos de 1866 e 1899; a de Lopes e Cavalcante (2011), realizada com 124 cartas brasileiras escritas entre 1870 e 1937; e a de Moura (2013), que analisa 146 cartas pessoais norte-rio-grandenses datadas de 1916 a 1994, divididas em três conjuntos. Não é incomum encontrar, nessas pesquisas, correlações entre a entrada de *você* no sistema e um maior preenchimento do sujeito, discussão esta detalhada adiante.

² Usamos P2 para a expressão pronominal de segunda pessoa, de acordo com a nomenclatura de Mattoso Camara Jr. (1987 [1970]).

³ O projeto *Para a História do Português Brasileiro* (PHPB), coordenado pelo professor Ataliba de Castilho, tem motivado pesquisadores de diferentes regiões do Brasil que desenvolvem estudos sobre temas afins a realizarem encontros para discussão de suas pesquisas. No âmbito dos estudos voltados à variação na expressão de P2, estão envolvidos grupos de trabalho da UFRJ, sob coordenação da professora Célia Regina dos Santos Lopes, da UFMG, sob coordenação da professora Márcia Cristina de Brito Rumeu, da UFBA, sob coordenação da professora Zenaide de Oliveira Novais Carneiro, da UFRN, sob coordenação do professor Marco Antonio Martins, e da UFSC, sob coordenação da professora Izete Lehmkuhl Coelho. Esses grupos têm se encontrado eventualmente para discussões, com vistas a divulgar seus resultados em termos comparativos.

Em Santa Catarina, contribuições no âmbito dos contextos morfossintáticos de ocorrência dos pronomes *tu* e *você* têm se dado especialmente por meio de pesquisas com *corpora* sincrônicos recentes. Rocha (2012), em um estudo com dados de fala de informantes florianopolitanos⁴, evidencia que o controle do paralelismo entre o pronome sujeito e os pronomes clíticos e entre o pronome sujeito e os pronomes possessivos se mostra relevante. Nos dados analisados pela autora, percebeu-se uma tendência de o pronome *tu* na posição de sujeito ocorrer com formas paralelas de clíticos e possessivos (isto é, formas que podem ser entendidas como pertencentes ao paradigma de *tu*: *te*, *ti*, *teu* etc.) e de o pronome *você* na posição de sujeito ocorrer com formas clíticas e possessivas não paralelas, ou seja, também com formas do paradigma de *tu*, e não com formas do paradigma de *você* (*lbe*, *o/a*, *seu* etc.). A mesma tendência foi encontrada anteriormente por Arduin (2005) no controle da relação entre pronomes sujeitos e pronomes possessivos em dados catarinenses⁵, também em um estudo sincrônico. Vale ressaltar que em ambos os estudos as formas do paradigma de *tu* superaram numericamente as formas do paradigma de *você* em entrevistas sociolinguísticas com grande vantagem, ultrapassando a marca de 80% das ocorrências.

Até o momento as pesquisas diacrônicas sobre a variação na expressão pronominal de P2 no português catarinense têm se concentrado especialmente em delimitar socioestilisticamente os usos de *tu* e *você*, apontando, *grasso modo*, para as direções mencionadas: *tu* relacionado a um uso mais informal e *você* a um uso mais formal (cf. COELHO e GÖRSKI, 2011, NUNES de SOUZA, 2011). No estado, entretanto, nos estudos que comparam dados de diferentes sincronias os contextos internos em que figuram os pronomes ainda não receberam igual aprofundamento.

Tendo em vista o quadro de pesquisas sincrônicas e diacrônicas

⁴ Rocha (2012) utilizou em sua análise parte da Amostra Monguilhott, coletada pela professora Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott (UFSC) no ano de 2006, parte da Amostra Floripa, coletada por alunos do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFSC em diferentes momentos (a autora selecionou para sua pesquisa a coleta realizada em 2009), e parte das entrevistas do Banco-base do VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil). Além disso, realizou testes de produção e de percepção e controlou a variante *o senhor*, mas esses resultados não serão considerados nesta revisão.

⁵ Arduin (2005) utilizou em sua pesquisa dados do Banco-base do VARSUL e o *corpus* selecionado para análise incluiu, além das entrevistas com informantes catarinenses, também aquelas realizadas em cidades do Rio Grande do Sul.

dentro e fora de Santa Catarina, o objetivo deste artigo é investigar em cartas pessoais de duas décadas do século XIX e duas décadas do século XX o sistema de tratamento catarinense, evidenciando a relação entre os pronomes utilizados na posição de sujeito e os pronomes na posição de complemento verbal, isto é, os contextos internos em que se verificam correlações entre pronomes pessoais de P2. A partir de pesquisas prévias sobre o tema, trabalha-se com a hipótese geral de que, no século XIX, tanto pronomes sujeito quanto pronomes complemento sejam predominantemente do paradigma de *tu*; enquanto no século XX *tu* e *você* passem a concorrer na posição de sujeito, mas ainda se relacionem preponderantemente com formas do paradigma de *tu* como complemento verbal. A metodologia de coleta, categorização e análise dos dados, bem como a interpretação dos resultados, é fundamentada na Teoria da Variação e Mudança, com ênfase nos problemas empíricos de *encaixamento* e de *transição* (WLH, 1968; LABOV, 1982).

O texto está organizado como segue. Na primeira seção, é delimitado o objeto de estudo e são apresentadas as questões e hipóteses que norteiam a análise, bem como é evidenciada a fundamentação teórica desta pesquisa. Em seguida, passa-se a tratar da metodologia deste trabalho, com atenção à amostra investigada e ao envelope de variação. Os resultados são, então, apresentados e discutidos. Por fim, tecem-se algumas considerações acerca deste estudo.

1. Delimitação do objeto de estudo

O objeto de análise desta pesquisa é a variação entre os pronomes *tu* e *você*, que concorrem para a expressão de P2 no português do Brasil (PB) de modo geral. Especificamente, procura-se estabelecer uma relação entre o aparecimento dos pronomes na posição de sujeito e sua ocorrência como formas pronominais de complemento verbal em cartas pessoais escritas por catarinenses nos séculos XIX e XX.

Para tanto, trabalha-se com os pronomes considerados como pertencentes ao paradigma de *tu* e os pronomes pertencentes ao paradigma de *você*. As formas do paradigma

de *tu* são: *tu, te, a ti, em ti, para ti, contigo, teu(s)/tua(s)*; as do paradigma

de *you* são: *you*, *lbe*, *o/a* e *variações*, *a you*, *para you*, *em you*, *com you*, *seu(s)/sua(s)*⁶. Perceba-se que essa diferenciação é, de fato, *formal*, uma vez que os dois pronomes funcionalmente são em grande medida equivalentes e observa-se, muitas vezes, um mesmo falante usando formas dos dois paradigmas alternadamente.

A seguir, são apresentados três exemplos extraídos da amostra utilizada neste estudo. No primeiro deles, retirado de uma carta escrita em fins do século XIX, encontram-se apenas formas do paradigma de *tu*. O sujeito nulo, nesse caso, é considerado uma forma do paradigma de *tu*, pois pode ser recuperado por meio da desinência número-pessoal do verbo.

(1) *Adorada do meu coração, Ø não calculas a saudade que sinto de ti, como eu desejava agora estar ao pé de ti, na alegria e na felicidade da tua presença, flor da minha vida, consolo do meu coração.* (Cruz e Sousa, 1892)

Já o exemplo (2), proveniente de uma carta escrita no século XX, apresenta somente formas pertencentes ao paradigma de *you*.

(2) *Tenho uma surpresa para you, mais acho que ainda e cedo para revelar-lhe. E se you for curioso não se preocupe, pois não é nada de importante. Segue um pequeno poema feito por mim, dedicado a you.* (Remetente L, 1966)

Por fim, vê-se no exemplo (3), extraído de uma carta pessoal do século XX, um caso em que a remetente alterna formas dos dois paradigmas.

(3) *Ø Não podes imaginar a alegria que me causou o recebimento de teu bilhete. Em primeiro lugar quero agradecer-te pelo postal que Ø me enviaste. Não pensei que seria lembrada tão facilmente. [...] Você coleciona algo? posso saber o que? Eu faço coleção de selos, brasileiros e estrangeiros.* (Remetente B, 1966)

⁶ Nesta pesquisa não foram considerados para a análise os pronomes possessivos, que serão incluídos em nossos estudos posteriores. Com relação aos sintagmas preposicionados de *tu* e de *you*, apenas os sintagmas *a ti*, *para ti*, *a you* e *para you* foram categorizados separadamente, para garantir a comparabilidade entre este estudo e os demais apresentados na mesma mesa-redonda da qual fez parte sua versão preliminar. Todos os demais sintagmas preposicionados foram incluídos nas categorias *sintagmas preposicionados de tu* e *sintagmas preposicionados de you*, que nas tabelas deste texto serão apresentados como *SP tu* e *SP you*, respectivamente.

A análise de dados dessa natureza é guiada pelas questões e hipóteses a seguir.

(i) Quais são as formas de tratamento realizadas na posição de sujeito (nulo e expresso) nas cartas pessoais catarinenses nas décadas investigadas?

Espera-se que na amostra selecionada, no século XIX, encontre-se uso exclusivo de sujeito *tu* e, no século XX, formas alternadas de *tu* e de *você* na posição de sujeito. Acredita-se, ainda, que serão encontrados indícios da correlação entre o pronome *tu* e o sujeito nulo (nos dois séculos) e entre o pronome *você* e o sujeito expresso (no século XX).

(ii) Como se configuram os sistemas de referência a P2 na relação entre as posições de sujeito e de complementos em cada século?

A expectativa é de que, no século XIX, o uso de *tu* na posição de sujeito seja categoricamente relacionado ao uso de formas do paradigma de *tu* na posição de complemento; e no século XX, o pronome *tu* na posição de sujeito mantenha-se predominantemente relacionado a complementos de seu paradigma e que o pronome *você* como sujeito apareça correlacionado a formas dos dois paradigmas.

(iii) Quais as formas variantes de complemento verbal (acusativo, dativo e oblíquo) encontradas na amostra catarinense?

Estima-se encontrar, no século XIX, formas de complemento do paradigma de *tu* (*te, a ti, em ti, para ti, contigo*) e, no século XX, tanto formas desse paradigma quanto do paradigma de *você* (*lhe, o/a e variações, a você, para você, em você, com você*), com predomínio das formas do paradigma de *tu*.

(iv) Os clíticos *te* e *lhe* estão em variação na amostra investigada? Como se dá a sua distribuição?

Acredita-se que os dois clíticos não estejam em variação nos dados do século XIX, mas apenas nos do século XX. No século XIX, deve haver uso categórico de *te* e no século XX os dois pronomes podem variar, havendo uma predominância do clítico *te* sobre o clítico *lhe*.

Para melhor fundamentar a hipótese (i), cabe trazer à discussão

algumas reflexões de Duarte (1993, 1995, 2012) acerca da relação entre os processos de variação/mudança pronominal, na morfologia verbal e no parâmetro do sujeito nulo. Sobre a alternância na expressão de P2, Duarte (2012, p. 23) ao revisitar seu trabalho de 1993 realizado com peças teatrais cariocas dos séculos XIX e XX divididas em sete períodos, diz que “o paradigma pronominal exibia [as formas] *você* e *tu* [até a década de 1930] em distribuição complementar: com a primeira marcando um distanciamento em oposição à intimidade que caracteriza a segunda”. O distanciamento, segundo a autora, foi se perdendo e no final do século XX os dois pronomes aparecem em variação, com uma frequência muito baixa do sujeito *tu* e uma frequência significativa do sujeito *você* sem distinção de cortesia. No que respeita à variedade catarinense, acreditamos que essa disputa entre os pronomes *tu* e *você* na posição de sujeito ainda é bastante acirrada por carregar muitas vezes diferenças estilísticas de uso (*você* como estratégia de distanciamento e *tu* como estratégia de intimidade), como pode ser verificado no depoimento da Remetente E, em uma de suas cartas.

(4) *Você também deve ter notado a diferença de tratamento que lhe dispensei. Vou explicar-lhe: considero o tratamento **você** muito impessoal por isso prefiro-o para cartas ou para pessoas totalmente desconhecidas. O mais costume usar **tu**. Como vê, a gramática e eu não nos damos. (Remetente E, 1965)*

Essas formas alternadas de sujeito pronominal, no entanto, devem vir associadas a estruturas sintáticas diferentes: ora de sujeitos nulos, ora de sujeitos expressos. Duarte (1993; 1995; 2012) observa que o português brasileiro desde o início do **século XX** está passando por um processo de mudança no que se refere ao parâmetro do sujeito nulo. De língua de sujeito nulo prototípica, que revela, entre outras propriedades, preferência pela posição de sujeito vazia, como acontece com a maioria das línguas românicas, incluindo o português europeu, a variedade do português escrito e falado no Brasil atual apresenta comportamentos mais alinhados às línguas de sujeito não nulo, como o inglês e o francês, preferindo o preenchimento da posição estrutural de sujeitos em todas as pessoas gramaticais.

No estudo diacrônico de 1993, Duarte já encontra indícios de uma correlação entre a mudança na marcação paramétrica no sentido do

preenchimento e a entrada dos pronomes *você(s)* e *a gente* no sistema do português. Nos seus resultados do século XIX observa-se claramente um paradigma flexional do verbo com seis oposições (às vezes cinco) garantindo assim a identificação do sujeito nulo. A partir de 1930, o pronome *tu* vai perdendo espaço gradativamente para o pronome por *você*. Com a entrada de *você* no singular e no plural, em todos os tempos verbais, a segunda e a terceira pessoas são representadas por formas idênticas. A generalização de *você(s)*, segundo Duarte, antes mesmo da gramaticalização de *a gente* causou a perda da riqueza flexional de pessoa ao afetar todos os tempos verbais.

Para explicar essa situação, Duarte (2012) mostra a correlação que existe entre mudança do sistema pronominal, enfraquecimento da morfologia verbal e parâmetro do sujeito nulo. A redução percentual de sujeitos nulos se relacionaria então à neutralização das formas distintivas no paradigma flexional dos verbos, promovida pela substituição dos pronomes *tu* e *vós* por *você* e *vocês*, respectivamente. A entrada da forma *a gente* em competição com o pronome *nós* – este cada vez menos frequente na fala – teria contribuído para acelerar essa neutralização. Essa configuração leva a autora a dizer que no século XIX observa-se no português escrito no Brasil um comportamento prototípico de língua de sujeito nulo do grupo românico, em que o esperado (ou *default*) é o sujeito nulo e o sujeito expresso é a forma marcada em termos de frequência. Já no século XX a forma não marcada seria o sujeito expresso.

Com respeito à expressão de P2, vale ressaltar ainda que Duarte encontra indícios na peça de teatro de Falabella de que *tu* aparece no final do século XX em variação com *você*, é preferencialmente acompanhado de forma verbal com desinência zero e é quase categoricamente expresso.

Face a esse quadro e às particularidades entre as variedades do português carioca e catarinense, espera-se, portanto, que na amostra aqui investigada haja indícios da correlação entre o pronome *tu* e o sujeito nulo (nos dois séculos) e entre o pronome *você* e o sujeito expresso (no século XX). O sujeito *tu* deve aparecer preferencialmente combinado com formas verbais distintivas indiferentemente do século ou período investigado.

Agregamos à discussão dos dados empíricos pontos basilares da Teoria da Variação e da Mudança, relativos ao problema de *encaixamento* visto à luz das motivações internas ao sistema linguístico para tentar entender

melhor esses fenômenos em mudança. Labov (1982), em suas discussões sobre algumas mudanças sonoras ocorridas no inglês americano, discute algumas causas da mudança linguística que estão relacionadas a pressões estruturais e efeitos funcionais. Segundo o autor,

The most eloquent testimony to the existence of structural pressures on change is the existence of chain shifts. (...) Such chain shifts are usually explained in terms of representational function: the system reacts to defend that function, so that the maximum number of oppositions can be signalled (LABOV, 1982, p. 73).

Acreditamos que haja evidências empíricas para se falar que a entrada de *você* (e de *a gente*) – que provocou mudança no sistema pronominal – estaria relacionada a outros fenômenos de mudança no português do Brasil, como o enfraquecimento da morfologia verbal e a queda do sujeito nulo. É como se pressões do sistema para defender determinadas funções (evitar a ambiguidade causada pelo sincretismo de formas verbais, por exemplo) desencadeassem mudanças em cadeia, no sentido laboviano, de diferentes fenômenos linguísticos.

Como já mencionado, estudos realizados, especialmente aqueles conduzidos pela equipe de Lopes no Rio de Janeiro, têm indicado que a entrada de *você* no quadro de pronomes do PB não se deu de modo equivalente em todos os contextos morfossintáticos. Aparece preferencialmente como sujeito (normalmente expresso), como complemento preposicionado e em formas verbais imperativas; encontra resistência, ainda, como complemento não preposicionado, como possessivo e em formas verbais não imperativas (em geral com sujeito nulo), contextos em que predominam formas do paradigma de *tu*.

Considerando essa distribuição e o fato de a entrada do pronome *você* provocar na língua uma série de reorganizações gramaticais, como observa Lopes (2007), acreditamos que no português catarinense do final do século XX (i) os clíticos pertencentes ao paradigma de *você* (*lbe(s)*, *o(s)*, *o(s)*), formalmente originários de P3, ao assumirem traços de P2, concorrem com os clíticos do paradigma de *tu* e se mantêm na língua; e (ii) o pronome tônico *você* seja usado em todos os ambientes sintáticos de complemento,

embora com diferentes frequências e com certas restrições.

Alguns trabalhos de variação linguística, ao estudarem diferentes pronomes (cf. ARDUIN, 2005, ROCHA, 2012), já mostraram evidências de que no PB catarinense atual o sujeito *você* se combina com formas ‘misturadas’ dos dois paradigmas na posição de adjunto (pronomes possessivos) e de complemento (pronomes clíticos ou tônicos). Espera-se, portanto, que o pronome *tu* sujeito seja usado preferencialmente com formas de complemento do seu paradigma e que o pronome *você* se correlacione tanto com pronomes complemento de seu paradigma quanto com pronomes complemento do paradigma de *tu*. Além disso, dadas as diferentes frequências em diferentes contextos morfossintáticos, parece que as formas tônicas de *você* também estão em expansão, ocupando todas as posições de complemento gradualmente.

Acreditamos que essa expansão de contextos morfossintáticos pode ser pensada à luz do problema de *transição*, proposto por Weinreich, Labov e Herzog (1968) e rediscutido por Labov (1982). No texto de 1982, ao discutir a transição cruzando estruturas gramaticais o autor diz que há razões para acreditar que o *locus* da variação muitas vezes é mudado no curso da mudança linguística e exemplifica com casos de redução de segmentos finais no espanhol: “In Spanish, the sole remaining final consonants are the apicals /s/, /l/, /n/, /d/, and /r/: all theses now show variable lenition and deletion. A long-standing phonological drift intersects with a long-standing drift towards the reduction of inflectional morphology” (LABOV, 1982, p. 65).

Fazendo uma analogia a essa discussão laboviana acredita-se que nas amostras investigadas as formas de complemento correspondentes ao paradigma de *você* (*lhe(s)*, *o(s)*, *o(s)*, por exemplo), ao se expandir de P3 para P2, gradativamente, vão rompendo restrições linguísticas. Os exemplos (5) e (6) dão respaldo à nossa hipótese, uma vez que em (5) o clítico *o*, originalmente uma forma de P3, é usado na referência a P2, e em (6) vê-se o pronome *você* sendo utilizado em outras posições sintáticas que não a de sujeito.

(5) *Desejo que esta além de encontrá-lo com saúde e felicidade, o encontre ainda mais simpático do que o tenbo em mente! Agradeço sinceramente sua*

cartinha, não só pelo fato de teres mandado, mais sim por teres feito com que em horas de labuta diária me viesse a mente uma linda recordação como a [de certas] horas que a seu lado eu passei! (Remetente O, 1969)

(6) (...) *eu achei sempre em você uma simpatia a qual o apreciei há muito tempo e que não posso deixar de contar para você. Acho também você, muito educado, inteligente, legal, etc. O'kei? (Remetente V, 1968)*

2. Metodologia

Passamos agora a delimitar a amostra utilizada, bem como as variáveis controladas na análise dos dados.

2.1 Amostra

A amostra selecionada para esta pesquisa pertence ao *corpus* do PHPB-SC (Para a História do Português Brasileiro de Santa Catarina). O projeto catarinense é um segmento da proposta em nível nacional de resgate, catalogação e divulgação do português brasileiro de séculos anteriores e encontra-se em seu segundo ano de execução. O banco de dados, ainda em formação, está abrigado nas dependências do Núcleo VARSUL da UFSC.

Os dados analisados são provenientes de cartas pessoais escritas por catarinenses nos séculos XIX e XX. As cartas do século XIX são datadas das décadas de 1880 e 1890 e integram o acervo do Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística (NUPILL). Foram escritas por Cruz e Sousa (ilustre poeta simbolista, autor de *Missal e Broquéis*, nascido em 1841 e falecido em 1898) a sua noiva Gavita e por dois amigos de Cruz e Sousa a ele endereçadas. Tanto Virgílio Várzea (nascido em 1865 e falecido em 1941) quanto Araújo Figueiredo (nascido em 1864 e falecido em 1927), amigos do poeta, foram também escritores e atuaram no cenário artístico e político de Santa Catarina. Os três remetentes das cartas do século XIX nasceram em Desterro, antigo nome da capital catarinense, Florianópolis.

Já as cartas do século XX são de duas naturezas. As datadas da década de 1960 são cartas de amor de seis moças do Vale do Itajaí – microrregião do Estado de Santa Catarina colonizada por europeus, principalmente alemães – e da Grande Florianópolis endereçadas a um único destinatário,

um jovem professor de Língua Portuguesa nascido no Vale do Itajaí. As cartas da década de 1980 (que se estendem, na realidade, de 1987 a 1992) foram escritas por Harry Laus (escritor catarinense de Tijucas, Grande Florianópolis, autor de *Os papéis do Coronel*, nascido em 1922 e falecido em 1992) a sua tradutora e amiga, Claire. A amostra usada nesta pesquisa, composta por 42 duas cartas escritas por dez remetentes distintos, pode ser mais bem visualizada no Quadro 1, a seguir.

AMOSTRA	
<p>Século XIX: décadas de 1880 e 1890</p> <p>Cruz e Sousa → Gavita Virgílio Várzea → Cruz e Sousa Araújo Figueiredo → Cruz e Sousa</p>	<p>Século XX:</p> <p>Década de 1960: seis remetentes distintas → jovem professor do Vale do Itajaí Década de 1980: Harry Laus → Claire</p>
<p>Total: 42 cartas escritas por dez remetentes distintos</p>	

Quadro 1 – Amostra de cartas catarinenses dos séculos XIX e XX

2.2 Envelope de variação

O controle de variáveis independentes nesta pesquisa permitiu muito mais o estabelecimento de uma *correlação* entre os grupos de fatores e a variável dependente do que a percepção de um *condicionamento* desta por aqueles. Não se trata aqui de investigar condicionadores que motivam ou desfavorecem o uso de uma forma pronominal sobre a outra, mas, sobretudo, de observar em quais contextos linguísticos as formas do paradigma de *tu* e do paradigma de *você* se alternam, qual a relação entre os pronomes *tu* e *você* na posição de sujeito e as formas pronominais de complemento verbal (acusativo, dativo e oblíquo) e quais as barreiras ou restrições linguísticas que foram rompidas nessas correlações. Por esse motivo, a variável dependente de controle é uma variável abstrata, com as seguintes variantes: (i) formas do paradigma de *tu*; (ii) formas do paradigma de *você*.

Para análise e interpretação dessa variável foram levantados os seguintes grupos de fatores: ‘posição sintática do pronome’, ‘formas de realização do sujeito’, ‘preenchimento ou não do sujeito pronominal’, ‘formas de realização do complemento acusativo’, ‘formas de realização do complemento dativo’, ‘formas de realização do complemento oblíquo’,

‘século’ e ‘remetente’. Depois de categorizados, os dados foram submetidos a tratamento estatístico por meio do programa GoldVarb (ROBINSON, LAWRENCE e TAGLIAMONTE, 2001), no intuito de verificar basicamente a frequência de uso de cada variante abstrata e de cada fator controlado nas diferentes variáveis independentes investigadas e de observar as correlações entre os fatores.

3. Apresentação e discussão dos resultados

Os resultados estão organizados de modo a responder as quatro questões de pesquisa, mas também são trazidas informações que complementem ou que relativizem os números apresentados. Optou-se por expor os resultados na maioria das vezes em números brutos, e não em porcentagem, uma vez que, dada a baixa quantidade de ocorrências de algumas formas e a natureza restrita da amostra – poucos remetentes, quase todos nascidos na mesma região de Santa Catarina (outras regiões do Estado apresentam diferenças em aspectos sócio-históricos e poderiam revelar números diversos destes), sendo que os dados da década de 1980 são provenientes de um único informante –, a apresentação em porcentagem poderia oferecer uma falsa impressão de generalização de uso. Pelos mesmos motivos, deu-se preferência à apresentação dos números em tabelas, e não em gráficos.

Na Tabela 1, a seguir, pode ser visualizado o somatório de todas as formas do paradigma de *tu* e do paradigma de *você* encontradas na amostra, sejam em posição de sujeito ou de complemento, divididas por informante.

	Remetentes	Paradigma tu	Paradigma você
Século XIX (20 cartas)	Virgílio Várzea (1882-1892)	(66) 100%	-----
	Araújo Figueiredo (1888-1897)	(49) 100%	-----
	Cruz e Sousa (1892)	(93) 100%	-----

Século XX (22 cartas)	Remetente A (1964)	(23)	100%	-----
	Remetente E (1965-1966)	-----		(34) 100%
	Remetente B (1966)	(10)	90%	(1) 9%
	Remetente L (1966)	(4)	22%	(14) 77%
	Remetente V (1968)	-----		(32) 100%
	Remetente O (1969)	(36)	61%	(23) 38%
	Harry Laus (1987-1992)	(103)	95%	(5) 4%
TOTAL	494 ocorrências	(384)	77%	(109) 21%

Tabela 1 – Número total de formas do paradigma de *tu* e do paradigma de *você* em cartas pessoais catarinenses dos séculos XIX e XX

Dos números constantes na Tabela 1, pode-se destacar que dentre os remetentes do século XIX todos utilizam categoricamente formas do paradigma de *tu*, ao passo que no século XX começa a haver variação: há uma remetente (Remetente A) que usa apenas formas de *tu* e há duas remetentes (Remetente E e Remetente V) que usam somente formas de *você*, e os demais alternam entre formas tanto do paradigma de *tu* quanto do paradigma de *você*. Observe-se, ainda, que dentre os remetentes que variam no uso de *tu* e *você* no século XX, apenas um, a Remetente L, faz mais uso de formas do paradigma de *você* do que de *tu*; para os demais remetentes que alternam formas dos dois paradigmas, as formas de tuteamento são preferidas.

Das 494 ocorrências encontradas na amostra, 384 foram de *tu* e 109 de *você*. O dado que fecha a soma é uma única ocorrência de *o senhor* (mais especificamente da forma *ao senhor*, como complemento dativo), que não era esperada, dada a natureza da amostra selecionada, formada por cartas entre amigos e entre amantes. Esse único dado parece resultar, no entanto, de um conflito de papéis sociais.

(7) *Tudo o que eu fazia e aonde eu estava lembrava-me **de você**. Eu sentia-me obrigada a escrever embora estava muito errada. Peço **ao senhor**, desculpa. Qualquer dia vou falar lá no grupo **com você**, sobre o fato. Como me aconteceu ter mandado uma cartinha assim pesada **à você**.* (Remetente V, 1968)

Em uma carta anterior, a Remetente V declara-se para o jovem professor do Vale do Itajaí. Não é sabido o que o professor respondeu à moça, mas na carta seguinte, de onde foi extraído o dado (7), V desculpa-se pelo teor da carta anterior, refere-se ao destinatário ao longo de todo o texto com formas do paradigma de *você* e, num dado momento, chama-o de *senhor*. Ressalte-se que, embora os dois jovens fossem amigos e talvez amantes, havia entre eles também uma relação assimétrica entre aluna e professor, por isso acredita-se que o conflito de papéis sociais pode ter sido a causa do conflito de formas de tratamento usadas pela Remetente V. Apesar de constar na contagem geral dos dados, a ocorrência única de *o senhor* não será levada em consideração na apresentação dos resultados a seguir, os quais respondem a questões de pesquisa que previam somente a realização de formas do paradigma de *tu* e de formas do paradigma de *você*.

Com relação à primeira questão, referente às formas de sujeito (incluindo nulos e expressos) encontradas nos períodos de tempo investigados, obteve-se a seguinte distribuição por informante: no século XIX, os três remetentes usam exclusivamente a forma sujeito *tu*; no século XX, há dois remetentes que usam exclusivamente *tu* na posição de sujeito, dois remetentes que usam somente o pronome *você* nessa posição e quatro remetentes que alternam entre *tu* e *você*. Os resultados, portanto, atestam a hipótese aventada, de que no século XIX haveria uso exclusivo de *tu* na posição de sujeito e no século XX seria encontrada alternância entre os pronomes *tu* e *você* nessa posição.

Na Tabela 2, a seguir, encontra-se uma separação entre sujeitos nulos e expressos, organizada por décadas.

Sujeito	DÉCADAS							
	1880		1890		1960		1980	
	<i>Tu</i>	<i>Você</i>	<i>Tu</i>	<i>Você</i>	<i>tu</i>	<i>você</i>	<i>tu</i>	<i>Você</i>
Nulo	(38) 82%	----	(29) 69%	----	(39) 88%	(33) 59%	(59) 93%	----
Expresso	(8) 18%	----	(13) 31%	----	(5) 12%	(23) 41%	(4) 7%	(4) 100%
Total	46	----	42	----	44	56	63	4

Tabela 2 – Pronomes encontrados na posição de sujeito (nulos e expressos) em cartas pessoais catarinenses dos séculos XIX e XX, divididas por década

Observa-se na Tabela 2 que nas duas décadas do século XIX, quando o sujeito é realizado exclusivamente por *tu*, há predominância de sujeitos nulos em relação a sujeitos expressos. Já no século XX, na década de 1960 há mais dados de sujeito *você* do que de sujeito *tu*, ambos realizados mais como nulos do que como expressos, embora essa diferença numérica entre nulos e expressos para o pronome *você* seja menor. Na década de 1980, há mais dados de *tu* sujeito do que de *você*, sendo que os sujeitos de *tu* são em maioria nulos e os de *você* são todos expressos – ressalte-se, no entanto, que se trata de apenas quatro dados de *você*, realizados por um único remetente. Os exemplos (8) e (9) ilustram muito bem essa variação entre o sujeito *tu* nulo e o sujeito *você* expresso encontrada na escrita de um mesmo remetente.

(8) *Fix obras na casa de Porto Belo, agora tenho um banheiro privativo no meu quarto e onde era a cozinha é outro quarto e, com o fechamento e ampliação da varanda externa, aos fundos, lá ficou copa-cozinha. Quando **Ø** vieres, **Ø** terá mais conforto.* (Harry Laus, 1989)

(9) *Eis um belo título para o futuro livro, pois acredito que a palavra é bastante sonora em francês e que talvez não exista na língua francesa. Mas, naturalmente, **você pode sugerir** outro. Agora estou pensando que acho que já lhe falei no título do livro em outra carta.* (Harry Laus, 1987)

Nota-se que o pronome *tu* na posição de sujeito na amostra de Santa Catarina ainda resiste nos textos do final do século XX e vem acompanhado

preferencialmente de forma verbal com desinência distintiva de segunda pessoa e de sujeito nulo. Com a implementação do pronome *você* (que se combina com marca morfêmica *zero*) observa-se um aumento gradativo de sujeito expresso nas duas décadas controladas. Nesse caso, talvez possamos dizer que o parâmetro do sujeito nulo está mudando lentamente e que a mistura das duas marcações – positiva e negativa – pode ser observada numa mesma comunidade (ou na escrita de um mesmo remetente, como em (8) e (9)), como se fossem propriedades de diferentes gramáticas em competição, nos termos de Krock (1989; 2001).

É possível dizer ainda que nas cartas catarinenses são observados retratos levemente diferentes daqueles encontrados na escrita carioca, em que *você* aparece associado mais frequentemente a sujeitos expressos e *tu* aparece associado a verbos com marca morfêmica *zero* na segunda metade do século XX. Na amostra desse mesmo período aqui investigada, o pronome *você* na posição de sujeito se mostra tanto nulo quanto expresso, numa proporção equilibrada (33 nulos e 27 expressos), e *tu* preponderantemente nulo (98 ocorrências em oposição a 9 de sujeito expresso) acompanhado de desinência verbal distintiva.

No que diz respeito à correlação entre o pronome sujeito e as formas pronominais usadas na posição de complemento verbal, nos dados do século XIX, em que somente o pronome *tu* figura na posição de sujeito, todos os complementos verbais são também formas pertencentes ao paradigma de *tu* – são 58 dados de pronome dativo, 42 de acusativo e 20 de oblíquo complemento ou adjunto. Já a realização dos complementos verbais nos dados do século XX, quando é constatada variação entre *tu* e *você* como pronomes sujeito, pode ser visualizada na Tabela 3.

Sujeito usado pelo remetente	SÉCULO XX									
	Sujeito expresso		Sujeito nulo		Dativo		Acusativo		Compl. oblíquo	
	<i>tu</i>	<i>você</i>	<i>tu</i>	<i>você</i>	<i>tu</i>	<i>você</i>	<i>tu</i>	<i>você</i>	<i>tu</i>	<i>você</i>
Exclusivo <i>tu</i>	(2) 100%	----	(14) 100%	----	(5) 100%	----	(2) 100%	----	----	----
Exclusivo <i>você</i>	----	(14) 100%	----	(21) 100%	----	(15) 100%	----	(8) 100%	----	(8) 100%

Misto	(7) 35%	(13) 65%	(84) 88%	(12) 12%	(34) 87%	(5) 13%	(14) 61%	(9) 39%	(14) 78%	(4) 22%
Total	(9) 25%	(27) 75%	(98) 75%	(33) 25%	(39) 66%	(20) 34%	(16) 48%	(17) 52%	(14) 54%	(12) 46%
TOTAL: 176 ocorrências de formas do paradigma de <i>tu</i> 109 ocorrências de formas do paradigma de <i>você</i>										

Tabela 3 – Correlação entre formas pronominais em posição de sujeito e formas pronominais em posição de complementos verbais em cartas pessoais catarinenses do século XX

Nos dados do século XX, nota-se que a remetente de uso exclusivo de sujeito *tu* usa somente formas de complemento do paradigma de *tu*. Do mesmo modo, as duas remetentes de uso exclusivo de sujeito *você* usam categoricamente formas de complemento do paradigma de *você*. Já dentre os quatro remetentes que fazem uso tanto de sujeito *tu* como de sujeito *você*, há preferência pelas formas de complemento do paradigma de *tu*.

Assim, atesta-se parcialmente a hipótese aventada: no século XIX acreditava-se que seriam encontradas exclusivamente formas do paradigma de *tu* como complementos verbais, e que no século XX sujeitos realizados como *tu* se correlacionassem a formas de complemento do mesmo paradigma e sujeitos realizados como *você* se correlacionassem predominantemente a formas do paradigma de *tu*. Observa-se, no entanto, que no século XX sujeitos categoricamente realizados como *você* se correlacionam com formas do paradigma de *você* (e não com formas alternadas dos dois paradigmas); e somente nos casos em que os dois pronomes se alternam na posição de sujeito é que as formas de complemento também variam entre os dois paradigmas, com preferência pelas formas do paradigma de *tu*.

Na Tabela 4, a seguir, são apresentadas as formas pronominais que ocupam as posições de complementos verbais nos dados do século XIX.

Posição	Século XIX				
	Forma				
	tu (nulos e expressos)	te	para ti	a ti	SP tu
Sujeito	88	----	----	----	----
Acusativo	----	43	----	----	----

Dativo	----	47	1	5	5
Oblíquo Complemento	----	----	----	----	19

Tabela 4 – Formas variantes em posição de complemento verbal em cartas pessoais catarinenses do século XIX

Dentre os dados do século XIX, há 21 ocorrências de *tu* expresso, 67 de *tu* nulo, 90 de *te*, uma de *para ti*, cinco de *a ti* e 24 ocorrências de outros sintagmas preposicionados do paradigma de *tu*. Veem-se, na Tabela 4, as posições sintáticas que correspondem a essas formas: os sintagmas preposicionados de *tu* dividem-se entre dativo e oblíquo complemento ou adjunto, com predominância dessa segunda categoria; as formas *para ti* e *a ti* ocorrem tão somente como dativo; a forma *te* funciona tanto como acusativo quanto como dativo – sendo que como acusativo não encontra formas concorrentes e, como dativo, embora haja alguma variação, o uso de *te* é dominante –; e por fim, as 88 ocorrências de *tu* nulo e preenchido se dão todas na posição de sujeito (ou seja, não foram encontrados dados como “vi **tu**”). Atesta-se, então, a hipótese de que nos dados do século XIX haveria apenas, nas posições de complemento verbal, formas pronominais do paradigma de *tu*.

As formas variantes de complemento verbal encontradas nos dados do século XX estão divididas em três tabelas. Na primeira delas, a Tabela 5, têm-se as formas de complemento que ocorrem na carta em que o sujeito é categoricamente *tu*.

Século XX – Remetente de uso exclusivo de sujeito tu					
Posição	Forma do paradigma de <i>tu</i>				
	tu (nulos e expressos)	te	para ti	a ti	SP tu
Sujeito	16	---	---	---	---
Acusativo	---	2	---	---	---
Dativo	---	3	---	1	1
Oblíquo Complemento	---	---	---	---	---

Tabela 5 – Formas variantes em posição de complemento verbal ocorridas

com sujeito categórico *tu* em cartas pessoais catarinenses do século XX

No caso da carta da remetente de uso exclusivo de sujeito *tu*, vê-se, sobretudo, um predomínio da forma *te*, tanto como acusativo quanto como dativo, apresentando concorrentes (um dado de *a ti* e um dado de *sintagma preposicionado de tu*) somente como dativo. Assim como ocorre nos dados do século XIX e em todo o restante da amostra, todas as formas *tu*, incluindo expressos e nulos, se dão na posição de sujeito.

Na Tabela 6 estão os resultados para as formas de complemento que ocorrem nas cartas em que o sujeito é categoricamente *você*.

Século XX – Remetentes de uso exclusivo de sujeito <i>você</i>						
Posição	Forma do paradigma de <i>você</i>					
	<i>você</i>	<i>lhe</i>	<i>para você</i>	<i>a você</i>	SP <i>você</i>	<i>o, a e variações</i>
Sujeito	35 (nulos e expressos)	---	---	---	---	---
Acusativo	2	3	---	---	---	3
Dativo	---	8	2	2	3	---
Oblíquo Complemento	---	1	2	---	4	1

Tabela 6 – Formas variantes em posição de complemento verbal ocorridas com sujeito categórico *você* em cartas pessoais catarinenses do século XX

Como já apontado, as remetentes de uso exclusivo de sujeito *você* fazem uso categórico de formas de complemento do paradigma de *você*. Na Tabela 6, pode-se perceber que, como acusativo, o pronome *você* aparece disputando lugar com *lhe* e com *o, a e variações*. Esse é um dado bastante interessante, pois *o, a e variações* não são formas recorrentes hoje em dia, embora se possa pensar que, como se trata de uma amostra de escrita de décadas atrás, essa expectativa possa ser relativizada. No entanto, um dado não esperado na escrita é o clítico *lhe* figurando como acusativo, ainda que apareça em menor número em sua posição original, dativo, concorrendo com *a você, para você* e *sintagmas preposicionados de você* e como oblíquo complemento.

Ressalte-se que, como oblíquo complemento, há quatro formas concorrentes (*lhe*, *para você*, *sintagmas preposicionados de você* e *o, a e variações*) e que a forma *lhe* figura também como acusativo e dativo. A seguir, observa-se um dado do clítico *lhe* como acusativo.

(10) *Chove torrencialmente (lá fora é claro). Do rádio ouço músicas suaves que dão vontade de dançar, por isso pensei em você. Pois estava dançando quando **lhe** vi. Mas... deixemos os sentimentalismos para o Altemar Dutra, que é “sentimental demais”.* (Remetente E, 1965)

A Tabela 7 apresenta as formas de complemento que ocorrem nas cartas do século XX em que tanto *tu* quanto *você* figuram na posição de sujeito.

Posição	Século XX – Remetentes de uso de sujeito tu e você (misto)										
	Formas dos paradigmas de <i>tu</i> e de <i>você</i>										
	tu	você	Te	lhe	para ti	para você	a ti	a você	SP tu	SP você	o, a e variações
Sujeito	91	25	---	---	---	---	---	---	---	---	---
Acusativo	---	---	14	---	---	---	---	---	---	---	9
Dativo	---	---	33	3	1	---	---	1	---	1	---
Oblíquo Complemento	---	---	---	1	1	1	2	2	11	---	---

Tabela 7 – Formas variantes em posição de complemento verbal ocorridas com sujeitos *tu* e *você* em cartas pessoais catarinenses do século XX

Os remetentes de uso de sujeito misto, ou seja, aqueles que usam formas de sujeito tanto de *você* quanto de *tu*, realizam o sujeito majoritariamente com o pronome *tu*. Como acusativo, há duas formas em variação: *te*, com a maioria dos dados; e *o, a e variações* – nessas cartas, o clítico *lhe* não aparece nessa posição. Como dativo, o clítico *te* compete com *lhe*, com *para ti*, com *a você* e com *sintagmas preposicionados de você*. Como oblíquo complemento, veem-se seis formas concorrendo, com destaque para os dados de *sintagmas preposicionados de tu*. Na Tabela 7, ainda é possível notar que o clítico *te* se divide em acusativo e dativo, e que o clítico *lhe* aparece como dativo e como oblíquo complemento. Chama a atenção, ainda, que a forma *você* apareça somente em posição de sujeito, e não como acusativo, diferentemente do que se vê nas cartas de sujeito exclusivo *você*.

Na Tabela 8, a seguir, é apresentado um panorama de todas as formas de complemento verbal que aparecem nas cartas do século XX, não importando o pronome utilizado na posição de sujeito.

Século XX										
Formas dos paradigmas de <i>tu</i> e de <i>você</i>										
Posição	te	lhe	Você	a ti	a você	para ti	para você	SP tu	SP você	o, a e variações
Acusativo	16	3	2	---	---	---	---	---	---	12
Dativo	36	11	---	1	3	1	2	1	4	---
Oblíquo Complemento	---	2	---	2	2	1	3	11	4	1

Tabela 8 – Total de formas variantes em posição de complemento verbal em cartas pessoais catarinenses do século XX

Certamente os números que mais chamam a atenção dizem respeito ao clítico *te*, que é a forma mais recorrente. Varia, sobretudo, com o clítico *lhe* como dativo e com *o, a e variações* como acusativo. Também é relativamente alto o número de ocorrências de *o, a e variações*, que figuram majoritariamente como acusativo. Confirmam-se, assim, as hipóteses de que, no século XIX, as formas de complemento verbal seriam todas do paradigma de *tu* e, no século XX, as formas seriam tanto do paradigma de *tu* como de *você*, com predomínio das formas de tuteamento.

Pelos resultados apresentados até o momento, pode-se depreender que a produtividade do clítico *te* é bastante alta inclusive nos dados do século XX. A Tabela 9, a seguir, mostra um recorte mais específico dos usos de *te* na amostra selecionada.

Produtividade do clítico <i>te</i>				
SÉCULO	Sujeito usado pelo remetente	Ocorrências de <i>te</i>	Posições de <i>te</i>	Variantes de <i>te</i>

XIX	Exclusivo <i>tu</i>	90	43 Acusativo	---
			47 Dativo	1 para <i>ti</i>
				5 a <i>ti</i>
5 SP <i>tu</i>				
XX	Exclusivo <i>tu</i>	5	2 Acusativo	---
			3 Dativo	1 a <i>ti</i>
	1 SP <i>tu</i>			
	Exclusivo <i>você</i>	---	---	3 <i>lhe</i> (Acus.)
				8 <i>lhe</i> (Dat.)
	<i>Misto</i>	47	14 Acusativo	9 o, a e variações
				33 Dativo
1 para <i>ti</i>				
1 a <i>você</i>				
1 SP <i>você</i>				

Tabela 9 – Produtividade do clítico *te* em cartas pessoais catarinenses dos séculos XIX e XX

Foram encontradas 142 ocorrências do clítico *te* na amostra. Primeiramente, na Tabela 9, observem-se os dados do século XIX: das 90 ocorrências do clítico *te*, 43 se deram como acusativo e 47 como dativo. Como acusativo, não há variantes para *te*; como dativo, o clítico concorre com um dado de *para ti* e cinco ocorrências de *a ti*. Já com relação aos dados do século XX, quando o sujeito é exclusivamente realizado pelo pronome *tu*, há cinco dados de *te*, sendo dois como acusativo e três como dativo, posição na qual concorre com um dado de *a ti* e um dado de *sintagmas preposicionados de tu*.

Também no século XX, quando as remetentes fazem uso exclusivo de *você* na posição de sujeito, não há dados de *te*, mas pensando em seus possíveis contextos de variação, têm-se três ocorrências da variante *lhe* como acusativo e oito dados também do clítico *lhe* como dativo. Ainda com relação aos dados do século XX, quando as cartas apresentam tanto sujeitos de *tu* como de *você*, há 47 ocorrências de *te*, sendo 14 como acusativo e 33

como dativo. Como acusativo, o clítico concorre com *o*, *a* e *variações*; como dativo, concorre com *lhe*, *para ti*, *a você* e *você*.

No que diz respeito à variação entre *te* e *lhe* e a sua distribuição na amostra, a Tabela 10 oferece uma comparação pontual entre os usos dos clíticos nos dados do século XX. Nas ocorrências do século XIX, como já mencionado, usa-se categoricamente *te* (90 ocorrências no total, 43 correspondendo ao acusativo e 47 ao dativo), não tendo sido registrados, portanto, dados de *lhe*.

SÉCULO XX: 52 <i>te</i> ; 16 <i>lhe</i>						
Posição	Sujeito exclusivo <i>tu</i>		Sujeito exclusivo <i>você</i>		Sujeito <i>Misto</i>	
	<i>Te</i>	<i>Lhe</i>	<i>te</i>	<i>lhe</i>	<i>te</i>	<i>Lhe</i>
Acusativo	2	---	---	3	14	---
Dativo	3	---	---	8	33	3
Oblíquo Complemento	---	---	---	1	---	1

Tabela 10 – Distribuição dos clíticos *te* e *lhe* em cartas pessoais catarinenses do século XX

Na totalidade dos dados referentes ao século XX, há 52 ocorrências de *te* e 16 de *lhe*, o que indica uma predominância do clítico do paradigma de *tu* sobre sua forma concorrente. No que diz respeito às posições em que as formas aparecem, observa-se que são variantes apenas nas posições de acusativo e de dativo, e que como oblíquo complemento, *lhe* aparece com dois dados e *te* não aparece. Com relação à posição de acusativo, há, no século XX, 16 dados de *te* e três de *lhe* – sendo que esses três dados ocorrem em cartas de sujeito exclusivamente realizado pelo pronome *você*. Na posição de dativo, há 36 ocorrências de *te* e oito de *lhe*. Os resultados atestam a hipótese de que, no século XIX, não haveria variação entre os dois clíticos, ocorrendo uso categórico de *te*, ao passo que no século XX as duas formas entrariam em variação, com predomínio do clítico *te* sobre sua variante *lhe*.

Enfim, a partir dos resultados das Tabelas de 4 a 10, podemos dizer que os clíticos *lhe(s)*, *o(s)*, *a(s)*, do paradigma de *você*, ao entrarem em disputa com o clítico *te*, rompem restrições gramaticais de duas ordens: (i) de caso

dativo para caso acusativo, no caso de *lhe*; e (ii) de P3 para P2. Essa disputa entre as formas de complemento pode ser verificada, principalmente quando os remetentes se utilizam de pronomes sujeitos mistos (*tu* e *você*) ao se dirigirem a seus interlocutores.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi verificar a correlação entre os pronomes de P2 utilizados na posição de sujeito e as formas pronominais encontradas na posição de complemento verbal em cartas pessoais catarinenses dos séculos XIX e XX. A análise permitiu alguns apontamentos, que, embora circunscritos à amostra selecionada, oferecem os primeiros resultados com dados de Santa Catarina a respeito das relações internas entre pronomes de P2 em diferentes posições sintáticas.

Nos dados do século XIX observou-se o uso categórico das formas do paradigma de *tu* (sujeito e complementos) e o predomínio de sujeitos nulos. O complemento mais utilizado é *te*, que é categórico como acusativo e varia (pouco) com *para ti*, *a ti* e *sintagmas preposicionados de tu* como dativo. Nos dados do século XX: remetentes de uso exclusivo de sujeito *tu* realizam categoricamente complementos do paradigma de *tu*; remetentes de uso exclusivo de sujeito *você* realizam categoricamente complementos do paradigma de *você*; e remetentes de uso de sujeito *misto* realizam formas de complementos dos dois paradigmas, com predomínio das formas do paradigma de *tu*. Ainda prevalece o sujeito nulo em detrimento do sujeito expresso, mas quando o sujeito é *você*, a diferença entre nulos e expressos diminui. *Te* ainda é o complemento majoritariamente utilizado; dentre suas variantes, destacam-se *lhe* (como dativo) e, sobretudo, *o*, *a* e *variações* (como acusativo). As posições de complemento verbal são realizadas majoritariamente com formas do paradigma de *tu*.

A partir desses resultados, algumas considerações podem ser suscitadas.

No que diz respeito à inserção do pronome *você* como P2 no sistema linguístico catarinense do século XX, há evidências empíricas de que esta veio atrelada a outros fenômenos variáveis na língua, o enfraquecimento da morfologia verbal e o preenchimento do sujeito pronominal, indicando um movimento de mudança de uma língua de sujeito nulo para uma língua

de sujeito expreso. O pronome *tu*, entretanto, mantém-se nas cartas da amostra analisada, com predomínio de sujeito nulo. Essa constatação oferece elementos para se pensar o problema de *encaixamento* linguístico (WLH, 1968, LABOV, 1982), segundo o qual uma mudança estaria relacionada a outra mudança, como se fossem reações em cadeia, consistindo de motivação suficiente para a perda do sujeito nulo. Entender qual é a natureza e a extensão desse encaixamento é também entender o sistema linguístico dos fenômenos que estão em variação e mudança, e esse é mais um motivo pelo qual os resultados aqui apresentados constituem um passo significativo nas pesquisas acerca do português catarinense.

Os usos “misturados” de pronomes do paradigma de *tu* e de pronomes do paradigma de *você* no século XX nas posições de sujeito e de complemento podem ser pensados à luz do problema de *transição*, relacionado, entre outras preocupações, à transmissão e à expansão de contextos linguísticos de uso das formas em variação/mudança. Os contextos linguísticos de uso de uma das formas, ao se expandirem, rompem restrições linguísticas, como no caso do complemento *lhe*, que passa a se referir à P2 e a indicar acusativo, além de dativo. Outro caso de expansão seria o da distribuição das formas do paradigma de *você*: conforme observado, essas formas aparecem com maior frequência na posição de sujeito e ainda encontram resistência em sua implementação como complemento, sobretudo nos contextos em que as formas de *você* competem com o clítico *te*, bastante produtivo na amostra.

No que se refere aos resultados gerais, observa-se que há nas cartas evidências de três padrões de uso: o uso exclusivo das formas do paradigma de *tu*, o uso exclusivo das formas do paradigma de *você* e um padrão de uso misto, que alterna formas dos dois paradigmas. Acredita-se que seja possível dizer que, no terceiro caso, o que temos são remetentes que se utilizam de propriedades de duas gramáticas em competição: uma antiga, relacionada ao paradigma de *tu*, e outra inovadora, relacionada ao paradigma de *você*. Essas considerações se remontam à proposta de competição de gramáticas de Kroch (1989, 2001) e precisam ainda ser mais bem fundamentadas.

REFERÊNCIAS

ALVES, C. C. B. *O uso do tu e do você no português falado no Maranhão*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2010.

ARDUIN, J. *A variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular tu/ seu na região sul do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.

CÂMARA Jr., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1987 [1970].

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M. A variação no uso dos pronomes *tu* e *você* em Santa Catarina. In: LOPES, C.; REBOLLO, L. (orgs.). *Formas de tratamento em Português e Espanhol: variação, mudança e funções conversacionais*. Niterói: Editora da UFF, 2011. p. 263-287.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, SP, Editora da UNICAMP, 1993, p. 107-128.

_____. *A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro*.

Tese de doutorado. Campinas, UNICAMP, Instituto de Estudos da Linguagem, 1995.

_____. Os sujeitos de terceira pessoa: revisitando Duarte 1993. In: DUARTE, M. E. L. (org.). *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola, 2012, p. 21-44.

KROCH, A. Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change. *Language Variation and Change*, 1, 1989, p. 199-244.

_____. Syntactic Change. In. BALTIN; COLLINS (eds.). *The handbook of contemporary syntactic theory*. Massachusetts. USA: BlackWell, 2001, p. 699-729.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. Building on Empirical Foundations. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (eds.). *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1982. p.17-92.

LOPES, C. R. Pronomes pessoais. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 103-119.

_____.; MARCOTULIO, L. L.; SANTOS, V. M.; SILVA, A. S. *Quem está do outro lado do túnel? Tu ou você na cena urbana carioca*. Berlin: Neue Romania, 2009.

_____.; CAVALCANTE, S. R. de O. A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te. *Linguística* (Madri), v. 25, jun. 2011, p. 30-65.

_____.; MARCOTULIO, L. L. O tratamento a Rui Barbosa. In: BARBOSA, A; CALLOU, D. *A norma brasileira em construção: cartas a Rui Barbosa (1866 a 1899)*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2011. p. 265-291.

_____.; RUMEU, M. R. de B.; MARCOTULIO, L. L. O tratamento em bilhetes amorosos no início do século XX: do condicionamento estrutural ao condicionamento pragmático. In: COUTO, L. R.; LOPES, C. R. dos S. (Orgs.). *As formas de tratamento em português e em espanhol* variação, mudança e funções conversacionais. Niterói, Editora da UFF, 2011. p. 315-348.

LOREGIAN-PENKAL, L. *Re(análise) da referência de segunda pessoa na fala da Região Sul*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2004.

LUCCA, N. N. G. *A variação tu/você na fala brasileira*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Brasília, 2005.

MACHADO, A. C. M. *As formas de tratamento nos teatros brasileiro e português dos séculos XIX e XX*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/ UFRJ, 2011.

MARTINS, G. F. A alternância tu/você/senhor no município de Tefé –

Estado do Amazonas. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Brasília, 2010.

MENON, O. P. S; LOREGIAN-PENKAL, L. Variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no sul do Brasil. In: VANDRESEN, P. (ed.) *Variação e mudança no português falado da região sul*. Pelotas: EDUCAT, 2002. p. 147-188.

MODESTO, A. T. T. *Formas de Tratamento no Português Brasileiro: a alternância tu/você na cidade de Santos – SP*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

MOURA, K. K. de. *A implementação do você em cartas pessoais norte-rio-grandenses do século XX*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2013.

NUNES de SOUZA, C. M. *Poder e solidariedade no teatro florianopolitano dos séculos XIX e XX: uma análise sociolinguística das formas de tratamento*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.

PAREDES SILVA, V. L. Variação e funcionalidade no uso de pronomes de 2ª pessoa do singular no português carioca. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 121-138, jul./dez. 1998.

_____. O retorno do pronome tu à fala carioca. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Português Brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. p. 160-169.

RAMOS, M. P. B. *Formas de tratamento no falar de Florianópolis*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1989.

ROBINSON, J.; LAWRENCE, H. & TAGLIAMONTE, S. *GoldVarb 2001: a multivariate analysis application for Windows*. User's manual. 2001.

ROCHA, P. G. *O sistema de tratamento do português de Florianópolis: um estudo sincrônico*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2012.

RUMEU, M. C. de B. *A implementação do 'você' no português brasileiro oitocentista e novecentista: um estudo de painel*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

SCHERRE, M. M. P., LUCCA, N. N. G., DIAS, E. P., ANDRADE, C. Q.; MARTINS, G. F. Usos dos pronomes você e tu no português brasileiro. In: SILMEP, II., 2009, Portugal. *Anais... Portugal*: Ed. da Universidade de Évora, 2009.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Empirical foundation for a theory of language change*. Austin, University of Texas Press, 1968.